

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu



28 + 29 mai 26

28 mai 26 QUINTA 20:00

29 mai 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Christina Landshamer Soprano

Jennifer Johnston Meio-Soprano

Maximilian Schmitt Tenor

Matthias Goerne Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Elias, op. 70

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 2H 45 MIN

INTERVALO DE 20 MIN

Primeira parte

Introdução / Elias:

So wahr der Herr, der Gott Israels

Abertura

1. Coro: *Hilf, Herr! Willst du uns denn gar vertilgen*
2. Duetto (S I-II) com Coro: *Herr, höre unser Gebet*
3. Recitativo / Obadias: *Zerreisset eure Herzen*
4. Ária / Obadias: *So ihr mich von ganzem Herzen*
5. Coro: *Aber der Herr sieht es nicht*
6. Recit. / Um Anjo: *Elias, gehe weg von hinnen*
7. Duplo quarteto / Anjos:
Denn er hat seinen Engeln
Recit. / Um Anjo: *Nun auch der Bach vertrocknet ist*
8. Recit., ária e dueto / Viúva e Elias: *Was hast du*
9. Coro: *Wohl dem, der den Herrn fürchtet*
10. Recit. e coro / Elias e Acabe:
So wahr der Herr Zebaoth
11. Coro: *Baal, erhöre uns*
12. Recit. e coro / Elias: *Rufet lauter! Denn er ist ja Gott*
13. Recit. e coro / Elias: *Rufet lauter! Er hört euch nicht*
14. Ária / Elias: *Herr Gott Abrahams, Isaaks und Israels*
15. Quarteto: *Wirf dein Anliegen auf den Herrn*
16. Recit. e coro: *Der du deine Diener machst zu Geistern*
17. Ária / Elias: *Ist nicht des Herrn Wort wie ein Feuer*
18. Arioso (A): *Weh ihnen, dass sie von mir weichen*
19. Recit. e coro / Obadias, Elias e Rapaz:
Hilf deinem Volk
20. Coro: *Dank sei dir, Gott, du tränkest das durstige Land*

INTERVALO

Segunda parte

21. Ária (S): *Höre, Israel, höre des Herrn Stimme*
22. Coro: *Fürchte dich nicht, spricht unser Gott*
23. Recit. e coro / Elias e Rainha:
Der Herr hat dich
24. Coro: *Wehe ihm, er muss sterben*
25. Recit. / Obadias e Elias: *Du Mann Gottes*
26. Ária / Elias: *Er ist genug! So nimm nun, Herr*
27. Recit. (T): *Siehe, er schläft unter dem Wacholder*
28. Terceto (S. I-II e A): *Hebe deine Augen*
29. Coro: *Siehe, der Hüter Israels*
30. Recit. / Um Anjo e Elias: *Stehe auf, Elias*
31. Ária / Um Anjo: *Sei stille dem Herrn*
32. Coro: *Wer bis an das Ende beharrt*
33. Recit. / Elias e Anjo: *Herr, es wird Nacht*
34. Coro: *Der Herr ging vorüber*
35. Recit. (A): *Seraphim standen über ihm*
Quarteto (S I-II, A I-II) com coro:
Heilig ist Gott
36. Coro e recit. / Elias: *Gehe wiederum hinab*
37. Arioso / Elias: *Ja, es sollen wohl Berge weichen*
38. Coro: *Und der Prophet Elias brach hervor*
39. Ária (T): *Dann werden die Gerechten leuchten*
40. Recit. (S): *Darum ward gesendet der Prophet Elias*
41. Coro: *Aber einer erwacht von Mitternacht*
Quarteto: *Wohlan, alle, die ihr durstig seid*
42. Coro: *Alsdann wird euer Licht hervorbrechen*

Felix Mendelssohn-Bartholdy

(Hamburgo, 1809 – Leipzig, 1847)

Elias, op. 70

—

COMPOSIÇÃO 1846, rev. 1847

ESTREIA Birmingham, 26 de agosto de 1846

DURAÇÃO c. 2h 15 min

Felix Mendelssohn-Bartholdy, nascido numa família próspera, neto de um dos últimos grandes filósofos iluministas, filho de um banqueiro bem-sucedido, estudou piano em Paris, mas também Línguas e Humanidades na Universidade de Berlim. Teve aulas privadas de composição com o rigoroso Carl Friedrich Zelter e viajou por toda a Europa. Judeu de nascimento, converteu-se, bem como a sua família, à fé luterana, para uma melhor integração na vida contemporânea germânica. Mais tarde, durante o Terceiro Reich, a sua obra foi banida na Alemanha, em contraste com o que aconteceu em Inglaterra, onde sempre teve grande aceitação.

Interessou-se pelas oratórias de G. F. Handel e pela obra de J. S. Bach, sendo responsável pela recuperação e estreia moderna da *Paixão segundo São Mateus*, em 1829. Foi um dos primeiros músicos da sua geração plenamente conhecedor dos grandes mestres da História da Música. Explorou os principais géneros musicais do romantismo alemão, como o *Lied* e a sinfonia e, tal como alguns dos seus pares, deparou-se com o problema da ópera: “sinto que uma ópera que agora escrevesse não valeria compor uma segunda e, no entanto, sinto também que devo lançar-me nessa nova via”. A alternativa viria a ser a oratória,

que na época se distinguiu da ópera pouco mais do que pela primazia atribuída à narrativa, em detrimento da ação dramática.

Se inicialmente terá pensado em Pedro ou em João como protagonistas, viria a optar por *Paulus* (1836) e depois por *Elias* (1846), grandes figuras bíblicas que encarnam a consciência moral. A história do profeta Elias, relatada no Antigo Testamento, é particularmente pródiga em potencial cénico, com situações de indivíduo *versus* multidão e natureza, de comoção e de reflexão, elementos essenciais para uma grande obra vocal dramática. Mendelssohn observava a Europa contemporânea como lugar de decadência moral e a figura do profeta, que luta contra a idolatria e a corrupção do rei, inspirou-o a transmitir uma mensagem de perseverança, de regresso aos princípios da fé cristã. “Imaginei Elias como um profeta verdadeiramente real, dos que precisamos nos dias de hoje: forte, zeloso, até mesmo mal-humorado, taciturno e zangado quando confrontado com a escória tanto da corte como do povo, de facto em conflito com quase todo o mundo e, no entanto, capaz de pairar sobre ele como se tivesse asas de anjo”.

Pouco tempo após a aclamada estreia de *Paulus*, Mendelssohn já ponderava em *Elias*, mas nem o seu amigo Carl Klingemann, nem o reverendo inglês James Barry lhe forneceram textos do seu agrado. Só quando o Festival de Birmingham, em 1845, lhe encomendou uma obra para o lugar de destaque da edição do ano seguinte, Mendelssohn se dedicou por inteiro à nova oratória, concluindo-a em apenas dez meses. Estreou primeiramente em inglês, dirigida pelo compositor e foi logo reconhecida como uma obra-prima. O *The Times* publicava: “Nunca houve um triunfo mais completo; nunca, um reconhecimento mais rápido de uma grande obra de arte”. O príncipe Alberto, consorte da Rainha Vitória, escreveu-lhe uma linda dedicatória: “Ao nobre artista que, cercado pelo culto a Baal da falsa arte, conseguiu, como um segundo Elias, por meio de gênio e estudo, permanecer fiel ao serviço da verdadeira arte e habituar novamente os nossos ouvidos à sensação de mergulharem num som puro e numa harmonia correta, em vez de na balbúrdia sonora irracional”. A versão germânica viria a ser apresentada em Leipzig, dois anos depois e já após a morte do compositor. Hector Berlioz afirmava: “ouvi a última oratória do pobre Mendelssohn. É de uma magnífica grandiosidade e de uma sumptuosidade harmônica indescritível”.

O libreto, escrito por Julius Schubring, o mesmo colaborador de *Paulus*, foi traduzido para inglês por William Bartholomew, químico de formação, mas poeta amador e experiente. Mendelssohn teve o cuidado de fazer os necessários ajustes com atenção à prosódia.

Consiste numa série de quadros, retirados do Livro dos Reis, sobre as diversas ações do profeta, sem uma sequência cronológica rigorosa e com algumas inclusões dos Livros dos Salmos e de Isaías. O profeta Elias prevê um grande castigo para aqueles que adoram o falso Deus Baal, incluindo o Rei Acabe de Israel e sobretudo a sua esposa, Jezabel. Baal (de significado “senhor”, “dono”) era o deus cananeu da fertilidade, das tempestades e da chuva, e a sua adoração foi uma tentação constante para o povo de Israel. O grande castigo anunciado é uma terrível e duradoura seca. A oratória está dividida em duas partes e é pensada para oito solistas, coro e orquestra sinfônica, com órgão. O protagonista é um baixo-barítono cujas árias, que variam entre a prece, a insolência e a frustração, traduzindo a riqueza da sua personalidade, requerem um âmbito quase operático de expressão emocional. Os restantes solistas fazem mais do que um papel e o coro assume uma função idêntica à da tragédia grega, como voz do povo e comentador da ação.

A primeira frase – “Pela vida do Senhor, Deus de Israel, a quem sirvo: não cairá nestes anos nem orvalho nem chuva, senão quando eu disser” – é proferida em recitativo acompanhado por acordes solenes que representam a Palavra de Deus. Define-se a atmosfera de toda a obra e a ação é localizada no contexto bíblico. Segue-se a energética Abertura, uma fuga que conduz ao retrato de “lamento, prece e promessa”, resultado do efeito da seca de três anos no povo judeu, traduzido no grito lancinante de “*Hilf, Herr*” (“Ajuda-nos, Deus”), que termina em tom de desalento.

O povo, no deserto palestiniiano, desespera com fome e sede e oscila entre a fé num deus misericordioso e a realidade do sofrimento causado pela falta da chuva, que esse deus pode trazer, mas não o faz. A ária de Obadias, melodicamente expressiva e generosa, com as suas palavras de esperança – “Se me procurardes de todo o vosso coração, deixar-me-ei encontrar” – é uma das passagens mais inspiradoras da obra. O povo tende, no entanto, a voltar-se para Baal e os anjos instruem Elias a operar um milagre que reanime a sua esperança, trazendo de volta à vida o filho da viúva de Zarephath. “*Wohl dem, der den Herrn fürchtet*” (“Bem-aventurados os que temem o Senhor”) comenta o milagre operado, com confiança na proteção divina.

Numa secção bastante operática, Elias retoma o tom solene da introdução para anunciar uma nova profecia. O coro dos sacerdotes de Baal evoca o deus ao som de uma fanfarra de sopros à qual o profeta responde com ironia. Numa das grandes árias da obra, um monólogo dramático que anuncia Wagner, relembra a Aliança com o povo hebreu. O milagre da chuva chega antes do final da primeira parte, com nuvens negras no céu, uma criança que demora a vê-lo, e finalmente a água que jorra em escalas descendentes e dá de beber à terra sequiosa: “*tränkest das durst’ge Land*”.

A voz do soprano, numa verdadeira *scena ed aria* de ópera, escrita a pensar no “rouxinol sueco”, Jenny Lind, inaugura a segunda parte com “*Höre, Israel, des Herrn Stimme!*” (“Ouve, Israel, a voz do Senhor”), à qual o coro responde “Não tenhais medo” numa marcha ao estilo de Handel.

Jezabel (A Rainha), irada, incita a multidão contra Elias. O profeta quer deixar de lutar, pois percebe que a sua tentativa de conversão do povo foi em vão, e num tributo de Mendelssohn a Bach (“*Es ist vollbracht*” da *Paixão segundo São João*), pede a Deus que leve a sua alma na ária “*Es ist genug! So nimm nun, Herr, meine Seele!*”. O coro apaziguador “*Siehe, der Hüter Israels schläft noch schlummert nicht*” (“Eis que aquele que guarda Israel não dorme”), com texto do Livro dos Salmos, como uma canção de embalar, zela pelo sono dos justos.

Elias roga ainda a Deus que se mostre e surgem tempestades, tremores de terra e fogo, mas a verdadeira revelação vem em forma de “brisa suave”, numa evocação musical do *Sonho de Uma Noite de Verão*. Os serafins (quarteto solista) cantam a glória de Deus em diálogo com o coro e a orquestra. A última intervenção de Elias mostra-o sereno, não colérico, e pronto a cumprir o seu destino. O profeta não tem uma morte terrena e é levado aos céus numa carruagem de fogo puxada por cavalos flamejantes. Antes do final, há tempo para acentuar o significado espiritual das ações descritas, com uma ária do tenor. O último coro, uma fuga com o *tutti*, é um hino de ação de graças e uma homenagem ao *Messias* de Handel.

NOTAS DE SUSANA DUARTE

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Singapura, com início em 2026/27.

Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, entre outras orquestras.

Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfónica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Christina Landshamer

Christina Landshamer nasceu em Munique. Estudou com Angelica Vogel na Academia de Música e Drama de Munique e com Dunja Vejzović na Universidade de Música e Artes Performativas de Estugarda. Cantora versátil, é solicitada para atuar em concertos, óperas e recitais, sendo reconhecida pela sua musicalidade apurada e domínio estilístico. Colabora regularmente com maestros de renome como Herbert Blomstedt, Kirill Petrenko, Simon Rattle, Alan Gilbert, Manfred Honeck, Marek Janowski, Marie Jacquot, Pablo Heras-Casado, Christian Thielemann e Gustavo Dudamel.

Domina um vasto repertório, do Barroco à música contemporânea, que interpreta com precisão técnica e profundidade expressiva em todos os períodos estilísticos. Ao longo da sua carreira, apresentou-se com algumas das mais prestigiadas orquestras do mundo, incluindo a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sächsishe Staatskapelle Dresden, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra do Tonhalle de Zurique, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da NHK de Tóquio e a Orquestra de Cleveland. Nos palcos de ópera, apresentou-se na Ópera de Estugarda, na Komische Oper Berlin, na Ópera do Reno, em Estrasburgo, e na Ópera Estadual da Baviera, tendo interpretado papéis como Pamina, Ännchen, Sophie ou Woglinde.

Igualmente aclamada em recital, apresenta-se regularmente com o seu pianista acompanhador de longa data, Gerold Huber, em importantes palcos, incluindo as *Schubertiade Schwarzenberg*, o Wigmore Hall de Londres ou o Carnegie Hall de Nova Iorque. O seu trabalho artístico está documentado em inúmeras gravações para editoras como a Pentatone, a Deutsche Grammophon e a Sony. Em 2024, foi nomeada professora de canto na Universidade de Música e Artes Performativas de Estugarda.

Jennifer Johnston

A cantora britânica Jennifer Johnston construiu uma carreira notável como intérprete das obras monumentais de Mahler, Wagner, Britten, Beethoven e Elgar. Em 2021, recebeu o *Royal Philharmonic Society's Singer Award*. Diplomou-se pela Universidade de Cambridge e pelo Royal College of Music.

A temporada 2025/26 é marcada por estreias importantes, nomeadamente como Ježibaba (*Rusalka*), na Den Norske Opera, em Oslo, com Edward Gardner, e com a Filarmónica Real de Liverpool, sob a direção de Domingo Hindoyan, e Fricka (*O Ouro do Reno* e *A Valquíria*) com a Sinfónica de Wuppertal e Patrick Hahn. Regressa à sua aclamada interpretação de Judith, em *O Castelo do Barba Azul*, com a Filarmónica da BBC. Em concerto, participa nas apresentações das Sinfonias n.º 2 e n.º 3 de Mahler, com a Sinfónica de Antuérpia e Osmo Vänskä, e com a Filarmónica de Taiwan e Jun Märkl, respetivamente. Interpreta ainda os *Wesendonck Lieder* de Wagner, com a Sinfónica de Bournemouth. No domínio da curadoria musical, apresenta dois novos programas: *The Age of Hollywood*, no Cadogan Hall de Londres, com Julius Drake, e *Lost in the Stars*, no Wigmore Hall, com Malcolm Martineau. Jennifer Johnston tem desenvolvido uma estreita colaboração com a Ópera Estadual da Baviera, onde atuou mais de 80 vezes, incluindo como Briggitta (*A Cidade Morta*), Mrs Sedley (*Peter Grimes*), Segunda Norna (*O Crepúsculo dos Deuses*), Roßweise (*A Valquíria*), Floßhilde (*O Ouro do Reno* e *O Crepúsculo dos Deuses*), Hedwige (*Guillaume Tell*) e La Ciesca (*Gianni Schicchi*). Entre outros trabalhos de destaque, incluem-se Juno (*Semele*), para o Festival de Ópera de Glyndebourne, Mrs. Grose (*The Turn of the Screw*) e Gaia (*CO2* de Battistelli), no Scala de Milão, Carmi (*La Betulia Liberata*) no Festival de Salzburgo, e Dido (*Dido e Eneas*) no Festival d'Aix-en-Provence.

Maximilian Schmitt

Maximilian Schmitt estudou canto com Anke Eggers na Universidade das Artes de Berlim e aprofundou a sua formação com Roland Hermann; trabalha atualmente com Tobias Truniger. Teve a sua primeira experiência no Estúdio da Ópera Estadual da Baviera e integrou o elenco do Teatro Nacional de Mannheim durante quatro anos.

Atraiu a atenção internacional em 2012 com a sua estreia como Tamino na Ópera Nacional Neerlandesa, sob a direção de Marc Albrecht. Seguiram-se os papéis de Idomeneo (*Ópera do Reno*), Don Ottavio (*Ópera de Viena*), e Pedrillo (*O Rapto do Serralho*) no Scala de Milão. No papel de Max, em *Der Freischütz* de Weber, atuou no Aalto Theater Essen, e como Erik, em *O Navio Fantasma* de Wagner, apresentou-se em Graz, Colónia e no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris. Na temporada 2023/24, estreou-se no papel de Siegmund (*A Valquíria*), com o Concerto Köln e Kent Nagano.

Na temporada 2025/26, destaca-se a sua estreia como Lohengrin, na Staatsoper Hannover. Além disso, as suas colaborações incluíram a 9.ª Sinfonia de Beethoven, em Bucareste e Madrid, *A Criação* de Haydn, em Trondheim e Gateshead, *Das Buch mit sieben Siegeln*, de Franz Schmidt, no Konzerthaus de Viena, o Evangelista da *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach, em Amesterdão e Baden-Baden, o *Requiem* de Mozart, em Monte Carlo, e *Fidelio* de Beethoven, em concerto, no Festival Beethoven de Varsóvia.

Os recitais constituem-se também como uma parte essencial da atividade de Maximilian Schmitt. Em Hanôver, interpretou *Winterreise*, de Schubert, acompanhado por Gerold Huber. O duo apresentou-se também no Heidelberg Frühling, nas *Schubertiade Schwarzenberg*, no Concertgebouw de Amesterdão, no Wigmore Hall de Londres e na Philharmonie de Colónia.

Matthias Goerne

Desde a sua estreia no Festival de Salzburgo, em 1997, o barítono alemão Matthias Goerne apresenta-se regularmente nos principais palcos de ópera, incluindo Metropolitan Opera de Nova Iorque, Royal Opera House de Londres, Teatro Real de Madrid, Ópera Nacional de Paris, Ópera da Baviera e Ópera de Viena. A escolha criteriosa do repertório permitiu-lhe construir sólidas interpretações, incluindo personagens wagnerianos (Wolfram, Amfortas, Kurwenal ou Wotan) e papéis principais em *Wozzeck* de A. Berg, *O Castelo do Barba Azul* de B. Bartók ou *Lear* de A. Reimann. A sua discografia foi distinguida com cinco nomeações para os *Grammy*, o prémio ICMA, o *Gramophone Award*, o *BBC Music Magazine Vocal Award*, o *Diapason d'Or* e o *ECHO Klassik*. Nos últimos anos, gravou *Lieder* de Beethoven, com Jan Lisiecki; canções de Wagner, R. Strauss e Pfitzner, com Seong-Jin Cho; canções de Berg, Schumann, Wolf, Chostakovitch e Brahms, com Daniil Trifonov; e *Schubert revisited*, com a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen e Florian Donderer.

Para além de cumprir uma residência na Sinfónica de Xangai, em 2024/25 realizou digressões na Ásia, com Maria João Pires, e na Austrália, com Daniil Trifonov. Interpretou o Barba Azul, com a Filarmónica da Radio France, e *The Wound-Dresser*, de John Adams, com Marin Alsop. No Festival Mahler 2025, atuou no Concertgebouw de Amsterdão, com a Sinfónica NHK dirigida por Fabio Luisi. Outras apresentações incluíram os *Monólogos de "Jedermann"*, de Frank Martin, com a Orquestra da Ópera da Baviera, e *Wozzeck*, no Festival Internacional de Música de Hamburgo, com a NDR Elbphilharmonie Orchester. Matthias Goerne nasceu em Weimar e estudou com Hans-Joachim Beyer, Elisabeth Schwarzkopf e Dietrich Fischer-Dieskau. Em 2001 foi nomeado Membro Honorário da Royal Academy of Music, em Londres.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amsterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Bianca Varela
Catarina Carvalho
Carina Matias Ferreira *
Claire Rocha Santos *
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Margarida Simões *
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Sara Afonso
Sofia David *
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola *
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Estrela Martinho *
Joana Esteves
Joana Nascimento
Laura Martins
Lucinda Gerhardt
Manon Marques
Markéta Chumová *
Patrícia Manso *
Tânia Valente

TENORES

Alberto Vilas Boas *
Aníbal Coutinho
António Gonçalves
Bruno Sales
Francisco Cortes *
João Barros
Jaime Bacharel
João Custódio
João Pedro Afonso *
Miguel Carvalho *
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo

BAIXOS

Afonso Moreira *
Alexandre Gomes
Filipe Leal
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho *
João Costa
João Líbano Monteiro
Lucas Mandillo Robert
Martim Líbano Monteiro
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova *
Rui Bórras *
Rui Gonçalo

* Cantores solistas

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Maria Balbi 2.º CONCERTINO AUXILIAR
Vicente Sobral 2.º CONCERTINO AUXILIAR
Johannes Scantz 1.º SOLISTA *
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Johannes Scantz 1.º SOLISTA *
Catarina Resende
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Félix Duarte

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA
Zachary Spontak 1.º SOLISTA
Piotr Rachwał 2.º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Antoni Kosc *

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA
Lu Zheng 1.º SOLISTA
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda
Milan Radocaj *
Dinis Campos *
João Barata *

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º SOLISTA

Tattu Kaupinnen 1.º SOLISTA *

Raquel Reis 2.º SOLISTA

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Maria Nabeiro *

Beatriz Raimundo *

Ester Santos *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1.º SOLISTA

Manuel Rêgo 2.º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Romeu Santos *

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º SOLISTA

Sónia Pais 1.º SOLISTA

Amalia Tortajada 2.º SOLISTA

Leonardo Coelho 2.º SOLISTA *

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º SOLISTA

Nelson Alves 1.º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2.º SOLISTA | CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º SOLISTA

Telmo Costa 1.º SOLISTA

José María Mosqueda 2.º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º SOLISTA

Vera Dias 1.º SOLISTA

Raquel Saraiva 2.º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º SOLISTA

Telmo Rocha 1.º SOLISTA

Daniel Canas 1.º SOLISTA *

Pedro Fernandes 2.º SOLISTA

Antonia Chandler 2.º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1.º SOLISTA

Manuel Alvarez 1.º SOLISTA *

José Pedro Pereira 2.º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1.º SOLISTA

Rui Fernandes 2.º SOLISTA

Thierry Redondo 2.º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1.º SOLISTA

Elmano Pereira 1.º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1.º SOLISTA

Rodrigo Azevedo 1.º SOLISTA *

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2.º SOLISTA

ÓRGÃO

António Esteireiro 1.º SOLISTA *

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

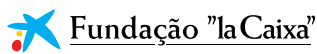
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

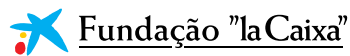
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

